

BALZAC E A “PENSÃO BURGUESA PARA OS DOIS SEXOS E OUTROS”¹

Fausto Calaça²

RESUMO: Neste artigo, exploramos algumas possibilidades de se considerar o romancista Honoré de Balzac como um pensador das relações sociais de gênero. Apresentamos algumas passagens de *A Comédia Humana* nas quais vislumbramos alguns episódios de experimentação de novos estilos de vida em comunidade. Consideramos que sua obra romanesca é um “documento” privilegiado para os estudos de gênero, reconstituindo a tensão entre as relações e os limites entre a criação literária e as ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Balzac, gênero, sexualidade.

RÉSUMÉ : Dans cet article, nous explorons quelques possibilités pour considérer le romancier Honoré de Balzac comme un penseur des rapports sociaux de genres sexuels. Nous présentons ici quelques extraits de *La Comédie humaine* dans lesquels on s’aperçoit quelques épisodes de l’expérimentation de nouveaux styles de vie dans la communauté. Nous croyons que son oeuvre romanesque est un « document » privilégiée aux études de genres, reconstituant la tension entre les relations et les frontières entre la création littéraire et les sciences humaines.

MOTS-CLÉS : Balzac, genre, sexualité.

¹ Este trabalho foi escrito no contexto da elaboração da minha tese de doutorado intitulada *Dandismo e cuidado de si: ensaios de subjetivação em Balzac*, defendida na Universidade de Brasília (UnB), sob orientação de Terezinha de Camargo Viana (UnB) e Olivier Bara (Université Lumière Lyon 2).

² Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Correspondente estrangeiro da *Société des Études Romantiques et Dix-neuviémistes* (SERD-Paris) no Brasil. Atualmente, realiza pesquisa de Pós-doutorado no *Groupe International de Recherches Balzacienes* (GIRB) na Université Diderot-Paris 7, com bolsa da CAPES. faustocalaca@gmail.com

Ah! sachez-le: ce drame n'est ni une fiction, ni un roman.
All is true, il est si véritable, que chacun peut en reconnaître
les éléments chez soi, dans son coeur peut-être!

(Honoré de Balzac, *Le Père Goriot*, 1834)

A Pensão Vauquer, ou a porta de entrada da Comédia Humana

Nas primeiras páginas de *O Pai Goriot*, publicado inicialmente por Honoré de Balzac no ano de 1834, há uma descrição curiosa da pobre e decadente pensão, situada na Rua Neuve-Sainte-Genève – atual Rua Tournefort, no *Quartier Latin* de Paris – onde se hospedam alguns dos principais personagens do romance. Na porta de entrada, encontra-se uma tabuleta na qual se lê: “Casa Vauquer. Pensão burguesa para os dois sexos e outros” (BALZAC, 1976, p. 51). Esta inscrição oferece-nos uma ideia sobre as representações romanescas da sexualidade que estão dispersas em toda obra *A Comédia Humana*. Independentemente da importância que Balzac oferece às relações bilaterais entre homens e mulheres e da sátira que esta inscrição possa oferecer – observa Owen Heathcote (2003) – é inegável que ele põe em dúvida a bilateralidade de um sistema de distinção sexual. Ao sistema binário se agrega a possibilidade de uma tríade, ou a bilateralidade, ela mesma, parece inaugurar a possibilidade de sua expansão ou dispersão. Enfim, o que, de fato, nos causa certa inquietação e estranheza é a expressão “e outros” acrescentada à expressão “Pensão burguesa para os dois sexos”, que era “comum nas portas de entrada de pensões da antiga Paris” (BALZAC, 1976b, p. 1224)³.

Desde as suas primeiras recepções pelos leitores, tornou-se comum considerar que *O Pai Goriot* seja um romance introdutório ao mundo das obras balzaquianas. Stéphane Vachon (2010) observa que, no século XX, a crítica balzaquiana consagrou o lugar cardinal de *O Pai Goriot* na obra de Balzac. É a partir deste romance que o autor se apropria efetivamente de sua ideia genial de reaparição sistemática dos mais de dois mil dos seus personagens em diferentes romances, contos, novelas que compõem *A Comédia Humana*. Este romance se constitui, então, como um grande clássico da literatura mundial, um “livro-assinatura” que remete ao autor e toda sua obra: Balzac, ou “o autor de *O Pai Goriot*”. Assim, entramos no universo da *Comédia* balzaquiana pelas portas de uma pensão que hospeda

3 Todas as referências em língua francesa aqui utilizadas foram por mim traduzidas.

dois sexos e outros e nos deparamos com personagens de diversas origens sociais e complexas formas de vida, dentre eles, o enigmático Vautrin, (ou Jacques Colin, ou Engana-a-Morte, ou Carlos Herrera, dependendo de cada uma de suas aparições nos romances), personagem que será analisado mais adiante.

Balzac, pensador das relações sociais de gênero?

São inúmeras as razões – que nos parecem ainda pouco reconhecidas e exploradas – que fazem de Honoré de Balzac um dos primeiros teóricos do gênero (PLANTÉ, 2003). Aqui,

(...) nos referimos em particular à discussão quanto ao estatuto teórico da categoria relações sociais de gênero, conceptualização que [permite] ampliar o âmbito de pesquisas, na medida em que postula como fundamental na análise do feminino e do masculino [e, em termos balzaquianos, de “outros”?] considerar sua dimensão cultural e historicamente construída. Uma das implicações epistemológicas mais relevantes dessa reflexão teórica é a exigência de transcender a conotação naturalizante e biologicista da categoria sexo e buscar entender a conformação do feminino/masculino num enfoque relacional. (VIANA, 1999, p. 16-17).

Importante observar que as relações entre os gêneros enquanto relações não naturalizadas se instauram como relações de poder, relações hierarquizadas (VIANA, 1999).

Sob esta ótica de análise, depois de “atravessar” a pensão para os dois sexos e outros e prosseguir em leituras dos outros cenários, é possível reconhecer a obra balzaquiana como uma “interrogação sobre o lugar social de homens e mulheres no mundo pós-revolucionário” (PLANTÉ, 2003, p. 246) e verificar como “Balzac foi um dos primeiros a propor uma exploração romanesca sistemática” (VIANA, 1999) de questões socioculturais da sexualidade que nos dias de hoje chamamos de “questões de gênero”. Suas análises estabelecem ligações inéditas entre a vida privada e a vida pública, num contexto da cultura francesa onde a democracia e a desordem que ela engendra favorece um movimento de emancipação da afirmação da individualidade. Balzac, como um pensador do gênero, não só analisa em forma de romances e ensaios o tema da individualidade, mas, fundamentalmente, cria alguns episódios de experimentação de novos estilos de vida em comunidade. Um dos exemplos mais conhecidos destes experimentos é o tema da emancipação da mulher.

Após a publicação e a excepcional recepção de diversos romances que abordam a condição da mulher na sua época – com destaque para os romances *Fisiologia do Casamento* (1829) e *A Mulher de Trinta Anos* (1831) – Balzac tornou-se conhecido mundialmente como um romancista que “reinventou” a mulher. Logo no início da sua carreira, entre os mais importantes escritores dos anos 1830 (Stendhal, Hugo, Sand, Musset, Gautier etc), “impondo aos seus leitores e leitoras uma reflexão sobre a situação das mulheres e as relações entre os sexos, ele já havia adquirido a reputação de romancista das mulheres” (PLANTÉ, 2003, p. 248). Ao representar as inquietações femininas e os modelos de feminilidade da sua época, Balzac interfere nestas inquietações e nestes modelos elaborando, assim, outras formas de constituição do feminino: ele “[insere novas questões] nas mentalidades e [forja] mesmo novas mentalidades que, sem a sua elaboração, não se dariam a entender” (VIANA, 1999, p. 15). Esta é uma das razões que fazem desta obra romanesca um documento privilegiado dos estudos de gênero reconstituindo a tensão entre as relações e os limites entre a criação literária e as ciências humanas. Por outro lado, apesar da vasta bibliografia de estudos sobre a feminilidade na obra balzaquiana, “ainda existem poucos estudos sobre a masculinidade, sua historicidade e suas crises, considerando que esta obra é um terreno particularmente rico sobre esta temática” (PLANTÉ, 2003, p. 249).

Em nossa tese sobre o dandismo em *A Comédia Humana* (CALAÇA, 2010), procuramos explorar – dentre outras dimensões do dandismo – algumas questões que são relevantes sobre a constituição do masculino. Dentre outras, sustentamos a ideia de que o dandismo – um estilo de vida característico do século XIX – representado na *Comédia* balzaquiana pode ser lido e interpretado como um tipo de construção das formas sociais e subjetivas do gênero masculino.

O terceiro sexo

No âmbito de *A Comédia Humana*, encontramos a expressão “*troisième sexe*” (terceiro sexo) em *A Última encarnação de Vautrin* (1847), quarto capítulo do romance *Esplendores e misérias das cortesãs* e no ensaio *Pequenas misérias da vida conjugal* (1845). O termo “terceiro sexo” é a explicação para o termo “*tante*” (tia), uma criação balzaquiana para se referir ao homossexual do sexo masculino de meia-idade, curiosamente popular nos dias de hoje:

O diretor, depois de ter mostrado toda a prisão, os espaços de recreação, as oficinas, as masmorras, apontou com o dedo um local, fazendo um gesto de desgosto.

- Não levo Vossa Senhoria até lá, disse ele, pois é o setor das *tias*...
- Oh! disse o Sr. Durham, e o que é?
- É o terceiro sexo, senhor. (BALZAC, 1977b, p. 840)

Como vemos no fragmento acima, neste contexto, a noção de “terceiro sexo” adquire o sentido de algo desprezível. O “setor das *tias*” (*quartier des tantes*) é o espaço da penitenciária onde se encontrava o personagem Vautrin, antes de fugir.

Ao utilizarmos o termo “homossexual”, sublinhamos o seu caráter anacrônico quando aplicado à época de Balzac, ou mesmo a qualquer período anterior à consolidação desta noção no desenrolar no século XX. No que concerne às relações homoafetivas entre homens, identificamos diferentes expressões como as que já foram aqui apontadas. Podemos ainda exemplificar com uma passagem de *Os Sofrimentos do inventor* (1843), terceiro capítulo de *Ilusões perdidas*. Na ocasião do primeiro encontro de Carlos Herrera (Vautrin, em *Ilusões Perdidas*, disfarçado de padre espanhol) com o belo rapaz Lucien Chardon, encontramos uma curiosa referência:

Meu filho, disse o espanhol tomando Lucien pelo braço, você já meditou sobre *Venise sauvée* de Otway? Você compreendeu aquela amizade profunda, de homem a homem, que enlaça Pierre a Jaffier, na qual uma mulher não vale mais que uma bagatela e que é capaz de mudar todos os termos sociais? (BALZAC, 1977c, p. 707)

Desde a sua criação, Vautrin, este personagem polêmico, é objeto de muitas análises dos estudos literários oitocentistas. Segundo Pierre Laforgue (1998), sua condição de dupla exclusão social – de fugitivo da penitenciária e de identidade “homossexual” – lhe dá possibilidades de tecer críticas agudas da sociedade no contexto balzaquiano. Em *O Pai Goriot*, há uma referência à forma de vida de Vautrin: “Engana-a-Morte não se deixaria ser abordado por uma mulher (...). Saiba de uma coisa! Ele não gosta de mulheres” (BALZAC, 1976, p. 192). No contexto da criação balzaquiana, a invenção deste personagem do “terceiro sexo” no século XIX representa uma possibilidade de colocar em cena uma voz de alteridade social “que protesta contra as profundas decepções do contrato social [de Rousseau]” (BALZAC, 1976, p. 220). Ele está entre os mais importantes protagonistas de *A Comédia Humana*. A vida de Vautrin é marcada por crimes, por fugas da penitenciária e por condenações em tribunais, mas, segundo a descrição balzaquiana, “esse homem diabólico” é “atraído pelo amor à humanidade” (BALZAC, 1977b, p. 813). Vautrin – como o vê Pierre Barbéris (1973, p. 431) – está à procura da unidade entre os seres humanos: “ele é talvez um dos

personagens mais humanos da *Comédia Humana*". A amizade (homoafetiva ou não) que este protagonista estabelece com diferentes rapazes é vista por Barbéris como um meio alternativo e transgressor de reencontrar o que a divisão social recusa ao homem. A humanidade do personagem de Vautrin está na sua capacidade de refletir sobre a sociedade do seu tempo e de viver marginalmente representando por meio de seus crimes as corrupções humanas que se encontram em todas as camadas sociais.

O *éthos* aristocrático, os "dois sexos e outros"

Uma das estratégias utilizadas pelo romancista para discriminar os diferentes modos de vida que estão em trânsito no universo de *A Comédia Humana* é a oposição ideológica existente entre os mundos aristocrático e burguês. No entanto, uma vez que a transitoriedade das formas de vida é algo que nos deixa em estado de inquietação e estranhamento, por vezes, é muito difícil diferenciar um personagem aristocrata de um burguês. Nos ambientes dos personagens dândis, dos boêmios e dos artistas, a narrativa balzaquiana apresenta um tipo de atitude de resistência a certas práticas culturais burguesas. Este ambiente se constitui, na sua maioria, de personagens masculinos. Os discursos e os costumes destes personagens da "resistência" balzaquiana parecem se ancorar num *éthos* aristocrático para fazer a oposição frente à moralidade burguesa que vem se tornando dominante. No último episódio do personagem Vautrin (personagem marginal que não se enquadra nem na aristocracia, nem na burguesia), este entra em luta contra a alta burguesia em ascensão no poder público e se alia com alguns personagens aristocráticos para se opor aos novos agentes da burocracia do Estado francês. Michael Lucey (2008) sublinha a presença de um certo *éthos* aristocrático na constituição do personagem Vautrin, inextricavelmente ligado aos seus desejos de relações entre mesmo sexo:

O desprezo de Vautrin pela ideologia burguesa da família e pela maneira como ela utiliza o sentimentalismo a fim de dissimular as relações econômicas desemboca sobre um possível reconhecimento das e pelas formas familiares alternativas, onde, de um lado, o interesse econômico e o dever, e de outro lado, o devotamento amoroso, podem ser religados diferentemente. (LUCEY, 2008, p. 268-269)

Michael Lucey reforça esta ideia ao afirmar que Balzac tinha uma clara consciência dos contornos específicos da nova esfera pública burguesa se instalando na época – "uma esfera que se diferenciava certamente das precedentes (onde dominavam os aristocratas) e que dava um certo olhar às formas da intimidade entre pessoas do mesmo sexo, tolerando-as" (LUCEY,

2008, p. 272). Na medida em que a aristocracia perde sua predominância social e, assim, certas formas de suas relações íntimas são postas em risco, o encontro bizarro entre Vautrin (o sujeito excluído da sociedade) e os membros da aristocracia (a classe em decadência) é possível. Uma forma de amizade nascida na utilidade graças à cumplicidade de algumas afinidades morais e alguns valores entre eles que compõe a “resistência” balzaquiana. Apesar de seu estilo fora-da-lei, bizarro e misterioso, este personagem representa uma das possibilidades de novos modos de vida no século XIX.

Lucey (2008) afirma que se pode estudar em algumas narrativas balzaquianas “a maneira pela qual aqueles que são excluídos das estruturas familiares normativas criam suas próprias estruturas; a maneira da qual estas estruturas alternativas estão ligadas às estruturas normativas” (LUCEY, 2008, p. 233). E ainda:

(...) como certas formas que em outra época eram normativas – mas que perderam seu prestígio em razão de vastas convulsões históricas – podem às vezes se aliar às formas párias produzidas pela nova normatividade para criar alianças de oposição fecundas. (LUCEY, 2008, p. 233-234)

Considerando as relações entre mesmo sexo em Vautrin como representações da possibilidade de uma forma de vida com significação socialmente crítica, que relações estabeleceríamos entre os temas da amizade e do “terceiro sexo” na obra de Balzac? Em princípio, vejamos abaixo uma interpretação:

A sexualidade, para Balzac, não é de nenhuma maneira o foco primordial da personalidade ou da identidade; antes de tudo, ela é alguma coisa que se exprime em nós, alguma coisa que nenhum indivíduo pode dominar nem mesmo conseguir a interpretar. (LUCEY, 2008, p. 286)

Michael Lucey ainda considera que podemos tomar alguns romances de Balzac como investigações históricas e sociológicas da sexualidade: “ele [Balzac] via como as forças históricas e sociais produziam e favoreciam certas formas para certas pessoas e não para outras” (LUCEY, 2008, p. 286). Todavia, para não cairmos numa posição indiferenciada entre os discursos da história e da literatura, ou ainda num certo reducionismo da obra balzaquiana, preferimos dizer que estes romances podem ser vistos como metáforas da história da sexualidade na sociedade francesa do século XIX. Mesmo correndo o risco de impor ao texto balzaquiano algumas ideias e ideais (na sua maioria, revolucionários) que resistem às incoerências e contradições (muitas delas, reacionárias) do conjunto

desta obra monumental (BORDAS, 2009), as análises de Lucey (2008) enfatizam as dimensões sociais e históricas das construções romanescas da sexualidade na *Comédia Humana* e contribuem para as investigações sobre as questões de gênero que aí estão presentes.

Balzac e Foucault: “da amizade como forma de vida”

Nossa análise das formas balzaquianas da sexualidade nos leva a refletir não só sobre possibilidade de reconhecer este autor como um pensador do gênero, mas, também sobre a atualidade do seu pensamento. Examinando uma entrevista de Michel Foucault, concedida no ano de 1981, intitulada “Da amizade como forma de vida”, sobre as relações entre amizade e homossexualidade, identificamos ali alguns elementos que se casam com as interrogações balzaquianas sobre o lugar social de homens e mulheres na passagem do mundo moderno ao mundo contemporâneo. Em Foucault, a homossexualidade não é considerada como uma forma de desejo, mas como alguma coisa desejável. Isto significa que o problema do sujeito não é de descobrir em si a verdade do seu sexo, mas sim de fazer da sexualidade um meio para se chegar às multiplicidades (possíveis e desejáveis; possíveis ou desejáveis) de relações. Ele sugere que, no lugar de se perguntar “Quem sou eu? Qual é o segredo do meu desejo?”, seria melhor se perguntar “Que relações podem ser, por meio da homossexualidade, estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas?” (FOUCAULT, 1981/1994, p. 163). Encontramos aqui uma perspectiva que nos parece próxima da perspectiva balzaquiana. Apesar da diferença de discurso, de gênero de produção escrita e de contexto histórico, as questões que se encontram em Balzac e em Foucault em relação à sexualidade são históricas e sociais. Assim, as questões das relações entre mesmo sexo são postas a propósito da procura de novos modos de vida que estão se construindo na sociedade.

É possível reconhecer o espírito das ideias foucaultianas numa leitura dos romances balzaquianos e, neste encontro, deparar-se com algumas construções de novos estilos de vida em comunidade. No século XIX, a narrativa de Balzac procura reabilitar o tema da amizade, inventando um novo movimento e introduzindo uma nova fantasia nas relações humanas, em uma época de crises de identidades. Em uma investigação anterior (CALAÇA, 2010), nossa leitura das cenas nas quais se desenrolam as complexas redes de relações afetivas da obra de Balzac possibilitou a identificação de um tipo de “projeto” romanesco de criação de um espaço de intermédio capaz de nutrir tanto as necessidades individuais como os objetivos coletivos.

Dandismo e lesbianismo

Mas, poderíamos ainda nos perguntar se as relações entre mesmo sexo na *Comédia Humana* constituem-se como uma resistência social ou política ou se elas não seriam mais que um modelo possível da *philia*, opostas ao “esmigalhamento” das relações humanas na sociedade onde se desenvolve o individualismo. Esta segunda possibilidade pode ser ilustrada com um episódio do personagem dândi Henri de Marsay. No romance *A Menina dos Olhos de Ouro* (1835), Henri de Marsay não ignora as relações sexuais entre mulheres. Michael Lucey acredita que “elas lhe são familiares como elas deveriam ser a numerosos leitores dos anos 1830” (LUCEY, 2008, p. 168). Henri se apaixona por Paquita, a menina dos olhos de ouro, e os dois passam uma noite de amor e fantasias sexuais sem limites e pudores. Na manhã seguinte, Henri começa “a ver os eventos da noite passada sob uma luz singular. [...] e percebe que ele tinha sido um brinquedo para a menina dos olhos de ouro” (BALZAC, 1977, p. 1096). Sente-se profundamente irritado por ter sido “usado” como um objeto sexual por Paquita:

(...) tudo lhe provava que ele tinha representado o papel de uma outra pessoa. Como nenhuma das corrupções sociais não lhe era desconhecidas e como professava a respeito de todos os caprichos uma perfeita indiferença, e ele acreditava que estes se justificavam por si mesmos e por isso podiam ser satisfeitos, **ele não se choca com o vício, ele o conhecia como se conhece um amigo**, mas, ele sentiu-se ferido por ter-lhe servido de pasto. Se suas suposições eram justas, ele tinha sido ultrajado no mais íntimo do ser. (BALZAC, 1977, p. 1096, grifos meus)

Henri compreende que, naquela noite, Paquita tinha sido pela primeira vez na vida, penetrada pelo órgão masculino. Supõe que ela seja uma lésbica, mas não é este o motivo de sua raiva – afinal, ele nem se escandaliza com nenhum destes tipos de “vícios” e “depravações” (expressões que se utilizava na época de Balzac); todas as corrupções humanas, perversões e desvios morais lhe são familiares. Sua raiva é tomar consciência que ele foi ultrajado no seu mais íntimo ser, de ter sido utilizado como substituto de uma mulher. Quando ele reencontra sua irmã e descobre que ela mantém uma relação afetivo-sexual com Paquita, ele não exprime nenhuma surpresa, nem mesmo algum interesse. Não há, na narrativa, nenhuma reflexão sobre o lesbianismo. Henri é um dândi de origem aristocrática e ele conhece todas as “corrupções” sociais e morais. Logo, não há qualquer tipo de espanto do tipo “Ah, isso é uma depravação!”, ou, em termos atuais, “Ah, eis a homossexualidade!”. O que ele vê é um modo de vida entre duas mulheres ao qual ele não impõe nenhuma questão moral, religiosa ou médica (nesta

época, a medicina da alienação mental começa a dar seus primeiros passos) ou, em termos atuais, psicopatológica ou psicanalítica, uma vez que “no *ethos* aristocrático existe lugar às relações homossexuais” (LUCEY, 2008, p. 169).

Este episódio da vida de um dândi nos sugere algumas direções do pensamento de Balzac sobre as questões de gênero. A leitura nos permite vislumbrar que “de Balzac poder-se-ia dizer que nada do que é humano lhe é estranho e nada do que é humano é eterno” (VIANA, 1999, p. 203). Além disso:

(...) para Balzac, os indivíduos só o são em sociedade e só em sociedade se apreende qual sua verdadeira natureza – social, histórica. O eu é um eu social. A natureza humana é tal como é produzida. Os seres humanos são iguais se se produzem como tais; são diferentes, pela mesma razão, o que implica dizer, que o que se produz como diferença, pode se produzir, também, como igualdade. (VIANA, 1999, p. 203)

É esta perspectiva de homem que orienta a exploração romanesca das questões socioculturais da sexualidade em Balzac e que nos permite pensar a noção de gênero desde o contexto do século XIX. Em Balzac, encontramos uma grande fonte de inspiração para os estudos das formas de sexualidade, uma vez que seus romances se voltam mais para as interações entre os sujeitos e os fatos sociais ou as forças sociais do que para os sujeitos em si mesmos.

Uma inquietante estranheza frente aos gêneros balzaquianos

A atitude do personagem Henri de Marsay frente ao “vício” do lesbianismo não lhe causa estranhamento algum: “ele o conhecia como se conhece um amigo” (BALZAC, 1977, p. 1096). Somos nós, os leitores, que experimentamos uma “inquietante estranheza” (FREUD, 1919/1985). O texto de Balzac inquieta-nos ao tratar a diversidade sexual com surpreendente familiaridade. Como já foi notado por Terezinha de Camargo Viana,

(...) não é casual que a estranheza que provoca o familiar e o sentimento de familiaridade que é evocado pelo estranho serão retomados por Freud, ao analisar o *das Unheimlich* (o estranho), como fenômeno estético constitutivo e revelador de estratos da vida psíquica (VIANA, 2007, p. 15).

Ao abordar com tamanha tranquilidade e familiaridade os “vícios” da sexualidade humana, o texto balzaquiano nos causa estranhamento. Ele nos inquieta porque não põe os “vícios” em questão, mas sim a complexidade das relações sociais de gênero.

Entramos na *Comédia Humana* pelas portas de uma simples, humilde e pobre pensão burguesa para os dois sexos e outros. A pensão simboliza algo que acolhe e aconchega a todos, não importa qual origem, qual forma de vida, qual gênero, qual idade etc. Uma pensão é um substituto, provisório ou não, do seio familiar. É dentro deste seio que se encontra o “estranho” balzaquiano. A *Comédia* balzaquiana nos causa uma inquietante estranheza – no sentido freudiano – justamente porque ela nos remete ao que é familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, H. « La Fille aux yeux d'or [1835] ». In: BALZAC, H. *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Volume V. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1977.

BALZAC, H. « Le Père Goriot [1834] ». In: BALZAC, H. *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Volume III. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1976.

BALZAC, H. « Notes et variantes de La Comédie humaine ». In: BALZAC, H. *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Volume III. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1976b.

BALZAC, H. « La Dernière incarnation de Vautrin. Splendeurs et misères des courtisanes [1847] ». In: BALZAC, H. *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Volume VI. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1977b.

BALZAC, H. « Les souffrances de l'inventeur. Illusions perdues [1843] ». In: BALZAC, H. *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Volume VI. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1977c.

BARBÉRIS, P. *Le Monde de Balzac*. Paris: Arthaud, 1973.

BORDAS, É. « Balzac, grand romancier du Pacs. Analyse de l'ouvrage de Michael Lucey, *Les ratés de la famille – Balzac et les formes sociales de la sexualité* ». *La Revue internationale des livres & des idées*. Paris. Mai-juin, 2009, no 11, p. 41-45, 2009.

CALAÇA, F. *Dandismo e cuidado de si: ensaios de subjetivação em Balzac*. 2010. 292 f. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

FOUCAULT, M. (1981). “De l'amitié comme mode de vie”. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits (1954-1988)*, Tome IV (1980-1988). Édition établie sous la direction de D. Defert et F. Ewald avec la collaboration de J. Lagrange. Paris: Gallimard, 1994.

FREUD, S. (1919). *L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Traduit de l'allemand par Bertrand Féron. Paris: Gallimard, 1985.

HEATHCOTE, O. “Les deux sexes et autres...”. In: DIAZ, J. L., & TOURNIER, I. *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot, 2003.

LAFORGUE, P. *L'Éros romantique: représentations de l'amour en 1830*. Paris: PUF, 1998.

LUCEY, M. *Les ratés de la famille – Balzac et les formes sociales de la sexualité*. Traduit de l'anglais par Didier Eribon. Paris: Fayard, 2008.

PLANTÉ, C. “Balzac penseur du genre”. In: DIAZ, J. L., & TOURNIER, I. *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot, 2003.

VACHON, S. “Notice du *Père Goriot*, roman d'Honoré de Balzac”. In: Groupe International de Recherches Balzaciennes, Groupe ARTFL (Université de Chicago), Maison de Balzac (Paris). *Balzac. La Comédie humaine. Edition critique en ligne*. Disponível em : <www.paris.fr/musees/balzac/furne/presentation.htm>. Acesso em: 15 dezembro 2010.

VIANA, T. C. *A Comédia Humana, Cultura e Feminilidade*. Brasília: Ed. UnB, 1999.

VIANA, T. C. “Processos de Criação e Subjetivação em Estudos de Costumes no Século XIX: prefigurações”. In: BALZAC, H., & DAVIN, F. *Estudos de Costumes no Século XIX*. Trad. de Terezinha de Camargo Viana. Brasília: Editora UnB, 2007.